

Editorial

SEM
SAÍDA

O governo publicou ontem no site do Ministério da Educação os resultados do Enem 2009, contendo a classificação de 24 mil escolas, públicas e particulares, cujos alunos fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A prova não tem caráter obrigatório e é feita pelos alunos que estão cursando o terceiro ano ou já cursaram o ensino médio.

Por causa disso, os resultados agora divulgados dão margem a incorreções. Mais de 12 mil escolas não participaram do exame. Entre as mil escolas melhor posicionadas, 887 são particulares. O dado pode indicar que essas escolas, percebendo o efeito mercadológico do ranking, participaram mais ativamente do exame, incentivando seus alunos a prestá-lo.

Com a exceção das escolas federais, os resultados são muito negativos para o sistema de ensino público. De 7.000 escolas reprovadas (com média abaixo de 500), quase 98% são estaduais. Estas comportam 86% das matrículas de um universo de mais de 8 milhões de estudantes. A presença das escolas municipais também é pífia: só duas entre as mil melhores.

Feitas as ressalvas, o quadro da educação como um todo é desabonador, sobretudo para os governos. Mostra que a educação permanece como um fator da desigualdade social no país, à medida que essa não é oferecida, com a mesma qualidade, à maioria da população. A maior parte do esforço é feita no sentido de criar uma elite intelectual, como no passado.

Confirma-se também que, depois da Constituição de 1988, os governos estaduais vêm se desobrigando da educação básica e essa atribuição ainda não foi assumida pelos municípios. Apesar dos discursos, e de iniciativas aqui e acolá, os governos não acordaram para a importância de investirem maciçamente em educação, como forma de superar o subdesenvolvimento.

A expectativa é que, em 2010, as atuais incorreções sejam sanadas no Enem, a partir da aceitação pelas universidades dos resultados do exame na primeira parte do vestibular.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

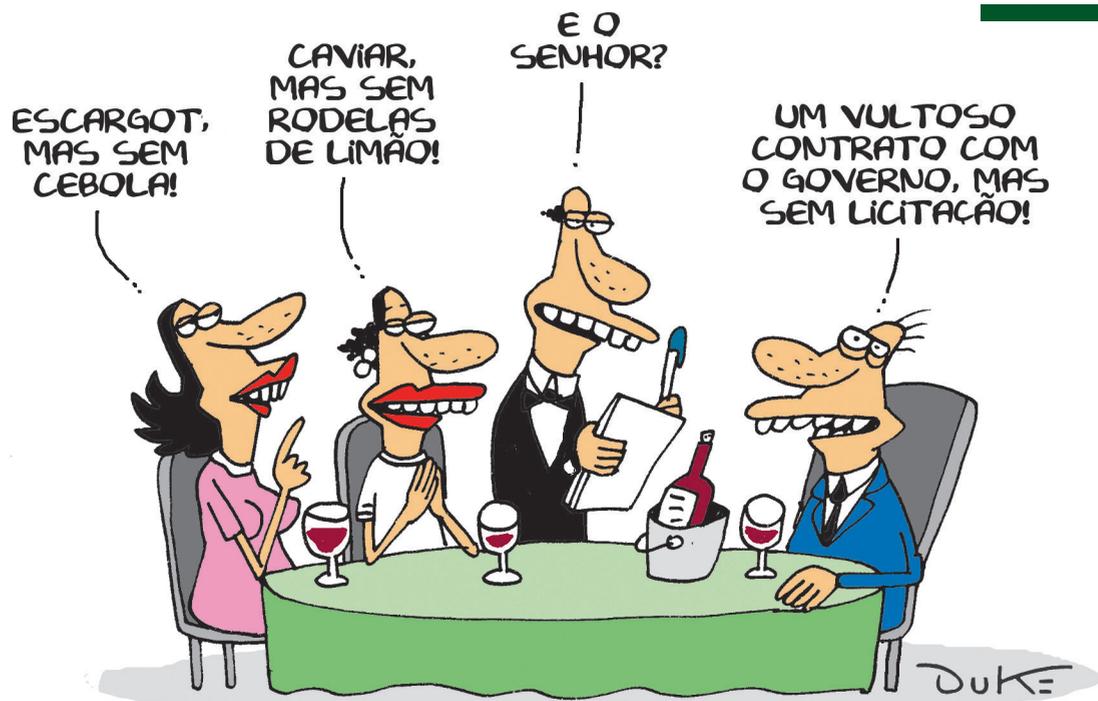
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

As memórias balsâmicas podem
minorar a insanidade moral?

Até 3% da população é intratável, incurável e irreversível

Diante do meu interesse sobre a capacidade de enfrentar problemas e resolvê-los sem gerar novos conflitos, e até que ponto a agressividade destruidora impede resolvê-los “numa boa”, sem mortos e feridos, uma amiga disse que ando filosofando demais. Ela tem alguma razão. São perguntas filosóficas, mas ancoradas também em outros naipes.

Meu interesse é focado em pessoas desprovidas do “locus da moralidade”, que a psiquiatria catalogava como “insanité sans délire” (insanidade moral), hoje sociopatia ou psicopatia – uma condição neurodegenerativa, que atinge 1% a 3% da população, “intratável, incurável e irreversível” – o mesmo que Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), ou Distúrbio da Personalidade Antissocial (DPAS), para maiores de 18 anos, e que na infância é diagnosticado como um dos “transtornos disruptivos do comportamento”, atitudes antissociais: Transtorno Desafiador e de Oposição; Transtorno de Conduta; e Transtorno de Personalidade Antissocial.

Leiga em psiquiatria, prefiro a antiga terminologia “insanidade moral”, que expressa bem a condição de TPAS/DPAS: insanos morais irrecuperáveis, pois não há ex-sociopata; não têm dó de ninguém; possuem memória afetiva distorcida: mesmo criados em ambientes emocionalmente saudáveis, sentem-se lesados. Compreendê-las exige mergulhar num mundo estranho, pois nascem incapazes de incorporar discernimento moral e habilidades sociais para solucionar problemas de modo ético e não conseguem sair da borrasca para um céu de brigadeiro,

pois não possuem o porto seguro das memórias afetivas.

Rememorar a minha infância é balsâmico. Ouço vovó mandando entrar quando a brincadeira de roda estava na melhor parte: “Chispa! Pra dentro. Lave os pés e escove os dentes”. Ordem inegociável. Depois de “asseada”, eu corria para o colo do meu avô, que àquela hora sempre estava sentado na calçada “pegando uma fresca”. Esperneava quando ele dizia: “Pega a menina Maria, já dormiu...”. Ele não me levava até o quarto, pois não entrava no quarto

Insanos morais não guardam os carinhos recebidos e sentem que todos lhes devem tudo! Seria eficaz uma terapia que os ensine a cultivarem memórias

das meninas. Era uma conduta moral lá das brenhas do sertão. Adulta, perguntei à vovó por que aquilo. Respondeu que “não se usava pai entrar no quarto das filhas, depois de grandes. Era o costume”.

É doce ouvir: “Vamos ler a revista nova do papai?” Abria onde queria que eu lesse; e, se eu errasse a entonação, ou engolisse a pontuação, ele corrigia: “Lê de novo! Agora sem engolir as vírgulas e os pontos”. Transporte-me para a máquina de costura da mamãe, onde eu surrupiava pedaços de pano para fazer roupas de boneca e, desgraçadamente, sempre quebrava a agulha e saía de fini-

nho... Quando ela via a agulha quebrada, logo dizia: “A que horas aquela traquina passou por aqui?”.

Insanos morais não guardam os carinhos recebidos e sentem que todos lhes devem tudo! Seria eficaz uma terapia que os ensine a cultivarem memórias balsâmicas? A criança que vive numa família (biológica ou social) sem bagagem emocional para suprir carinho e outras formas de afetividade pode ter dificuldades de aprender habilidades sociais para resolver problemas, mas não chega à “insanidade moral”, apesar das evidências de que abandono e outras manifestações de desamor na infância estão estreitamente ligadas às posturas agressivas e similares. As que desfrutam de boa acolhida navegam em céu de brigadeiro – estado de aconchego que só quem é ou foi criança feliz tem para recordar e ser acalentada nos momentos difíceis ou felizes vida afora.

DUKE

